



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE GEOGRAFIA

CAMILA DA COSTA CHAVES

**A FEIRA DA CIDADE NOVA IV COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM NO
ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA E. E. F. M. LUIZ NUNES
DIREITO (ANANINDEUA-PA)**

ANANINDEUA-PA

2024

CAMILA DA COSTA CHAVES

**A FEIRA DA CIDADE NOVA IV COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM NO
ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA E. E. F. M. LUIZ NUNES
DIREITO (ANANINDEUA-PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Campus Universitário de Ananindeua da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Sombra.

ANANINDEUA-PA

2024

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ANANINDEUA
FACULDADE DE GEOGRAFIA

CAMILA DA COSTA CHAVES

**A FEIRA DA CIDADE NOVA IV COMO TERRITÓRIO DE APRENDIZAGEM NO
ENSINO MÉDIO: EXPERIÊNCIA DIDÁTICA NA E. E. F. M. LUIZ NUNES
DIREITO (ANANINDEUA-PA)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia, pelo Campus Universitário de Ananindeua da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Sombra.

Aprovado em: 24 / junho / 2024.

Banca examinadora

Prof. Dr. Daniel Araújo Sombra Soares (FAGEO/CANAN/UFPA)

Presidente/Orientador

Prof. Dr. Aluísio Fernandes da Silva Júnior (FAGEO/CANAN/UFPA)

Avaliador Interno

Prof. Dr. Jonatha Rodrigo de Oliveira Lira (Escola de Aplicação/UFPA)

Avaliador Externo

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figuras

Figura 1: registro da feira nova do alto.....	16
Figura 2: registro da estrutura interna da feira nova.....	17
Figura 3: envolvidos na visita e entrevistas aos feirantes da Cidade Nova IV.....	24
Figura 4: entrevista com o estudante da escola Luiz Nunes Direito e feirante Samuel.....	25
Figura 5: entrevista com o pai de Samuel.....	22
Figura 6: feirante Seu Emilio.....	26
Figura 7: vendedor de farinha da feira velha.....	26
Figura 8: vendedor de peixe da feira nova.....	27
Figura 9: feirante Rafael dos Santos.....	28
Figura 10: culminância do documentário na Escola Luiz Nunes Direito.....	30

Tabela

Quadro 1: organização do projeto integrador da escola.....	21
Quadro 2: habilidade 104 da competência 1 da BNCC.....	21
Quadro 3: habilidades 203, 204, 205 e 206 da competência 2.....	22

Mapas

Mapa 1: localização da feira nova da Cidade Nova IV.....	14
Mapa 2: localização da feira antiga da Cidade Nova IV.....	15
Mapa 3: localização da E. E. E. F. M. Luiz Nunes Direito.....	20

SIGLAS

UFPA – Universidade Federal do Pará

PIBID – Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência

E.E.E.F.M – Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio

PI – Projeto Integrador

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

SEDUC – Secretaria de Estado de Educação

SUMÁRIO

RESUMO	4
ABSTRACT	5
INTRODUÇÃO.....	6
REFERENCIAL TEÓRICO	7
TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES	7
TRABALHO DE CAMPO E ESTUDOS LOCAIS COMO ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA	8
BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS NO BRASIL	9
MATERIAL E MÉTODOS	11
RESULTADOS E DISCUSSÕES	13
A FEIRA DA CIDADE NOVA IV: território e sujeitos.....	13
A APLICAÇÃO DO ESTUDO DA FEIRA DA CIDADE NOVA IV NO ENSINO MÉDIO DA E. E. E. F. M. LUIZ NUNES DIREITO	20
O DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTO DE APRENDIZAGEM E MATERIAL DIDÁTICO	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
REFERÊNCIAS	31

RESUMO

O presente trabalho discutirá os saberes e a territorialidade da feira da Cidade Nova IV, localizada em Ananindeua-PA, como estratégia de estudo dos alunos da turma 103 do Primeiro Ano do Ensino Médio com a disciplina Projeto Integrador, da E. E. E. F. M. Luiz Nunes Direito e dos bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Na feira popular é possível ver o que cada região tem de melhor, e também conhecer um pouco da cultura através dela. A metodologia adotada para este trabalho de conclusão de curso foi com base em pesquisas bibliográficas sobre a história da feira e de entrevistas aos feirantes para saber um pouco de suas trajetórias. Este trabalho de conclusão de curso tem como principal objetivo mostrar a feira da Cidade Nova IV como território de resistência e aprendizagens no Ensino Médio que ocorreu na escola. A pesquisa gerou a produção de um documentário com múltiplos aprendizados regionais e identitários para os bolsistas, alunos e para toda a comunidade escolar, e que têm grande potencial para ser utilizados em sala de aula no Ensino Médio como auxílio na formação escolar e cidadã.

Palavras-chave: Feira da Cidade Nova IV; território; aprendizagem; educação; Ananindeua-PA.

ABSTRACT

This work will discuss the knowledge and territoriality of the Cidade Nova IV fair, located in Ananindeua-PA, as a study strategy for students from class 103 of the First Year of High School with the discipline Integrator Project, from E. E. E. F. M. Luiz Nunes Direito and the scholarship holders from the Institutional Teaching Initiation Scholarship Program – PIBID. At the popular fair it is possible to see the best that each region has to offer, and also get to know a little about the culture through it. The methodology adopted for this monograph was based on bibliographical research on the history of the fair and interviews with stallholders to learn a little about their trajectories. This course conclusion article's main objective is to show the Cidade Nova IV fair as a territory of resistance and learning in high school that took place at the school. The research generated the production of a documentary with multiple regional and identity lessons for the scholarship holders, students and the entire school community, and which has great potential to be used in the high school classroom as an aid in academic and civic education.

Keywords: Feira da Cidade Nova IV; territory; learning; education; Ananindeua-PA.

INTRODUÇÃO

O Ensino Médio passou por mudanças a partir de 2017 no Governo Temer, desde então o novo modelo de Ensino Médio gerou uma série de críticas dos especialistas e professores que tiveram suas disciplinas com carga horária reduzida ou modificadas pensando a partir de um modelo interdisciplinar com os itinerários formativos. E uma consequência desse modelo é o remanejamento de professores para compor os chamados projetos de vida ou projeto integrador (PI) que fogem da realidade de formação de muitos professores e também de alunos durante o ensino fundamental (FARIAS, 2017).

A partir da implementação da disciplina (PI), surge o estudo da feira da Cidade Nova IV que é caracterizada por sua luta por um espaço digno para os trabalhadores, esse processo de remanejamento trás muitas discussões por parte dos feirantes, o que faz esse cenário um território com muitas histórias e aprendizagens para a turma 103 do primeiro ano do Ensino Médio da E. E. E. F. M. Luiz Nunes Direito, localizada no bairro da Cidade Nova IV, próximo à feira.

A feira popular não é somente um ponto de vendas, mas é ponto de encontro de diversos produtos que contam a história da região amazônica, onde o peixe tem todo um processo até chegar na mesa do consumidor, para que isso aconteça é preciso do pescador ou ribeirinho, é preciso logística para transporte a distância, e também respeitar as leis de defeso que impede a pesca em qualquer período (RODRIGUES, 2021).

O estudo da feira nas escolas possibilita o conhecimento do aluno ao seu entorno, onde ele tem a possibilidade de entender a dinâmica de um local frequentado para a busca de alimentos. A feira da Cidade Nova IV serviu como instrumento metodológico para o ensino, no qual possibilita o estudante a pensar a importância da feira e da produção familiar que abastece a comunidade.

Através da feira pode-se criar um recurso didático excelente, onde alunos e professores rompam a barreira de sala de aula, e que permite um trabalho interdisciplinar e ressalta a importância do estudo do meio, principalmente quando ele corresponde a sua própria cultura, que é o caso da ida até a feira da Cidade Nova IV para entrevista e conversas com os trabalhadores no qual através dela foi possível a criação de um documentário e podcast: Patrimônio, Memória e Identidade: a feira popular como espaço de (r)existência, pelos bolsistas do programa de iniciação à docência – PIBID e os alunos do primeiro ano da turma 103 da Escola Luiz Nunes Direito que fica próximo a feira. A ida de alunos até a feira possibilita o uso dos seus sentidos para reconhecer e interpretar o espaço geográfico, levando-os a refletir esse

local também como território de resistência e de luta dos feirantes com anotações, fotos e entrevistas.

A metodologia adotada foi com base em pesquisas bibliográficas sobre a história da feira e de entrevistas aos feirantes para saber um pouco de suas trajetórias. Este artigo tem como principal objetivo mostrar a discussão da feira da Cidade Nova IV como território de resistência e aprendizagens no ensino formal. A pesquisa gerou a produção de um documentário com múltiplos aprendizados regionais e identitários para os bolsistas, alunos e para toda a comunidade escolar, e que têm grande potencial para ser utilizados em sala de aula no Ensino Médio como auxílio na formação escolar e cidadã.

O presente trabalho se justifica com uma temática de estudo de território identidade local da feira da Cidade Nova IV que é instrumentos de pesquisa para este trabalho, como recurso de ensino-aprendizagem que vai para além do conteúdo de sala de aula, e que leve o aluno a refletir o seu entorno e a importância da feira como local de múltiplos saberes, de sobrevivência para além de muitas vezes precariedade social, onde muitos estão em situação de trabalho informal. O tema possibilita compreender as múltiplas diversidades regionais e como enfrentam situação de resistências para se manter na feira e frente a grandes redes de supermercados e restaurantes. A pesquisa mostra a importância da feira da Cidade Nova IV como território de possibilidades para o ensino médio.

REFERENCIAL TEÓRICO

TERRITÓRIO E TERRITORIALIDADES

O conceito de território é para entender o processo de resistência no remanejamento do feirante da feira velha para feira nova da Cidade Nova IV e como eles resistem em meio a grandes redes de supermercado do seu entorno, se são interferências políticas municipais ou estaduais que contribuem para o processo de Desterritorialização ou alterem as fronteiras desse território dentro da sua área de pertencimento para esses trabalhadores que residem nessa área desde a década de 80 segundo seu Emilio, um dos feirantes mais antigos.

O território que é o conceito de estudo dessa pesquisa, é o espaço definido e delimitado a partir e por relações de poder (SOUZA, 2000). A defesa de um território, enquanto expressão da manutenção de um modo de vida, de recursos vitais para a sobrevivência do grupo, de uma identidade ou liberdade de ação (SOUZA, 2000). De forma mais crítica o território revela como um tipo de força, uma rede de relações sociais ou redes privadas que definem um limite entre o grupo e os que estão de fora. Souza (2000) mostra que só existe território como espaços vividos.

Os trabalhadores da feira mostram essa força de resistência e se mantêm relutante com situações do seu entorno.

Haesbaert em suas obras descreve o conceito de território e analisa aspectos como a desterritorialização e os aglomerados de exclusão. Haesbaert (2006) mostra como é amplo o conceito de território pois engloba questões políticas, econômicas e culturais do território, e para falar da desterritorialização é preciso entender esse conceito. Nesses dois livros ele trata mais sobre essa desterritorialização causada por diversos interesses políticos ou materialistas do capitalismo e da exclusão dos menos favorecidos que em sua maioria têm mais desterritorialização causada por diversos interesses políticos ou materialistas do capitalismo e da exclusão dos menos favorecidos que em sua maioria têm mais direitos culturais, históricos e econômicos sobre determinado território, como no caso do local de estudo.

A feira velha ao decorrer dos anos sofreu um processo de crescimento do número de barracas irregulares que abrigavam esses vendedores informais que muitos hoje ainda trabalham na feira velha que não foi desativada, nesse sentido houve a necessidade da construção de uma nova feira que é a feira nova, o local onde localizava o antigo supermercado Yamada que antes fazia parte do seu entorno, hoje depois de anos sem uso do local do antigo empreendimento, abriga o supermercado Colina que se tornou um concorrente de certos produtos da feira (ARCHDAILY, 2014).

TRABALHO DE CAMPO E ESTUDOS LOCAIS COMO ESTRATÉGIAS PARA O ENSINO DE GEOGRAFIA

O novo Ensino Médio trouxe mudanças no cenário educacional, onde alunos passaram a fazer parte dos itinerários formativos, e isso trouxe mudanças no modelo educacional que antes tinham a Geografia e outras disciplinas como obrigatórias e que hoje passam a integrar as ciências humanas ou ciências da natureza, como prática integrada de ensino. Existem muitas críticas ao novo ensino médio, classificando como modelo neoliberal cheio de desigualdade e que gera um menor interesse do aluno em adentrar no ensino superior e ingressar apenas no mercado de trabalho (FARIAS, 2017).

O novo Ensino Médio está em vigor desde 2022, e em discussão desde 2017 com a lei 5.230/23 e a partir da alteração da lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) 13.415, de 16 de fevereiro de 2017. A respeito dessa lei Farias (2017, p. 8) aponta:

No texto da Lei 13.415, está ausente a falta de clareza sobre a obrigatoriedade da Geografia no currículo dessa etapa escolar(...) pelo que dispõem os parágrafos 3º e 4º do artigo 35-A da referida Lei, apenas

matemática, língua portuguesa e língua inglesa serão matérias obrigatórias nos três anos desse nível de escolarização.

A Geografia agora passa a compor um dos 5 itinerários formativos, que nesse caso seria as ciências humanas, ciências da natureza, linguagens e suas tecnologias, matemática e suas tecnologias e a formação técnica e profissional, reduzindo a carga horária da disciplina de Geografia. Hoje são disponibilizados 1800 horas para as disciplinas obrigatórias e 1200 para os itinerários formativos, em março de 2023 foi aprovado pela câmara de deputados o projeto que reestrutura o novo ensino médio, ele prevê 2400 para o ensino das disciplinas obrigatórias que já passam a incluir o ensino da Geografia, história, física, química e biologia e 600 horas para itinerários formativos (SANTOS, 2024).

A disciplina projeto integrador faz parte dos itinerários formativos assim como projeto de vida que está em vigor no novo ensino médio. Esta disciplina vem causando muitas discussões a respeito do ensino básico e a falta de informações e preparo para os professores que irão aplicar, muitos vindos da Geografia, história, sociologia entre outros.

No âmbito educacional, os projetos integradores são abordagens pedagógicas que envolvem a integração de conhecimentos, habilidades e perspectivas de diferentes disciplinas ou áreas de estudo no mesmo projeto, como o próprio nome já indica. O autor Madeira diz: “Dentre as dificuldades tenho percebido insuficiente acompanhamento do professor, durante o semestre e na educação final. Quanto aos estudantes, estes relatam dificuldade de trabalho em equipe, tempo para dedicação ao componente, priorizando outras demandas” (MADEIRA, 2019, p. 82).

No documento projetos integrados de ensino e campos de saberes e práticas eletivos da Secretária de Estado de Educação do Pará – SEDUC (2022), propõe como objetivos as práticas e teorias de determinado projeto, levando professor e alunos a elaborar projetos e atividades fora de sala de aula, a ida a campo e reunião com demais professores de outras áreas do conhecimento é muito reforçado no documento.

BREVE HISTÓRICO DAS FEIRAS NO BRASIL

No Brasil o costume de ir até a feira vem com os Portugueses e que há registros de feiras desde o período colonial. A feira acaba refletindo a identidade do povo brasileiro, pois cada uma delas prioriza sua cultura popular, onde é visto múltiplos conhecimentos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, sertanejos entre outros valores e sensação de pertencimento local e relações sociais, “Portanto, a feira é um espaço de vivência pois é frequente o uso desse

território temporário como lugar de comércio, de encontros, numa mistura do consumo cotidiano com o lazer” (CAMPIGOTTO; BERNADINO, 2013, p. 10).

Existem dois circuitos de atividades econômicas nas cidades brasileiras que estão associadas no trabalho dos centros urbanos, Milton Santos (1979) discuti sobre as diversas atividades economias referente aos diversos processos de urbanização dos países subdesenvolvidos, e para o autor essa divisão do espaço urbano econômico se dá de duas formas, o círculo superior que são as atividades econômicas mais modernas, que tem como objetivo o de capital e existência de grandes tecnologias, e o circuito inferior econômico com utilização de tecnologias menos sofisticadas e enquadra-se ao comércio popular e de classes médias (SOUZA, 2015).

Nesse sentido, as feiras estão inseridas no circuito inferior da economia urbana, que é definida por Milton Santos (1970), e que se encontram marginalizadas pelo poder público onde em muitas cidades são vistas como local de baderna e pouco estruturadas, como o caso do mercado ver-o-peso que é a maior feira a céu aberto da América Latina, e que tem mais de 390 anos, e que é considerado Patrimônio Cultural Nacional desde 1977 pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN (SOUZA, 2015). Muitos desses espaços assim como a feira da Cidade Nova IV são desqualificadas por “não estarem em compasso com a mundialização da economia, que criou novas formas de comercialização” (SOUZA, 2015, p. 2).

Porem as feiras possuem um papel muito importante na cultura e aos grupos que trabalham e consomem nelas, ela é símbolo de resistência territorial e cultural. A feira pode ser vista como local de ensino e aprendizagem, pensada como um espaço para além das desigualdades sociais existentes, ela tem um potencial pedagógico enorme, onde a feira não se resume a local de compras e comercialização de produtos, mais que é observado nas experiências ao longo da vida dos feirantes dentro desse espaço, criando e recriando saberes, como estratégia de sobrevivência e que pode ser levado para sala de aula do ensino médio.

A formação de inúmeros indivíduos parte da feira, gerações de famílias se sustentam através dela, é preciso problematizar, entender o motivo de escolherem a feira como meio de trabalho, e qual a importância de estudar esse território para a formação humana (SOUZA, 2015). Paulo Freire diz que o homem através do trabalho cria diante de suas próprias necessidades de sobrevivência e que através do trabalho ele pode transformar a natureza, a história e a cultura. Muitos desses trabalhadores possuem conhecimentos medicinais e gastronômicos que perpassam gerações e se misturam ou são acolhidos por outras culturas de

um mesmo país ou por outros continentes (SOUZA, 2015). Por isso a importância de estudo dessas dinâmicas e dos saberes da feira por esses atores da sociedade.

Na Geografia é possível fazer relações com a importância da feira em meio a globalização que tem feito muitas famílias consumirem produtos industrializados de outros países e que acabam por substituírem produtos regionais por alimentos ultraprocessados e de elevado valor calórico, por ser mais prático na correria do dia a dia (CAMPIGOTTO; BERNARDINO, 2013). Além disso, a feira é de importante análise para a Geografia e outras ciências como necessidade do estudo ambiental das feiras, onde é comum encontrar locais insalubres, onde há um acúmulo irregular de lixo nas feiras da região metropolitana de Belém-PA (CAMPIGOTTO; BERNADINO, 2013).

E sobre as relações de aprendizagem que o indivíduo pode ter através da feira é dito, “As relações que os indivíduos mantêm com os espaços habitados se exprimem todos os dias nos modos de uso, nas condições mais banais, no secundário, no ocidental. É o espaço possível de ser sentido, pensado, apropriado e vivido através do corpo” (CARLOS, 2007, p. 20 *apud* CAMPIGOTTO; BERNADINO, 2013, p. 4).

A feira paraense é um local de muitos conhecimentos tradicionais, onde é vendido além das comidas típicas de pratos paraenses, artesanatos e produtos medicinais, a feira é alvo de quem quer comprar mais barato e também ponto para o trabalho informal segundo o autor trindade (2019). E na feira da Cidade Nova IV assim como em outras feiras é possível encontrar todo um sistema econômico, desde o produtor inicial, que em sua maioria é agricultor familiar, até o consumidor final. O que muito é comum são os próprios consumidores de produtos típicos paraenses não terem o conhecimento básico de como é feito o tucupi, que é ingrediente do tacacá e do pato no tucupi, e da farinha que está presente no acompanhamento do açáí.

A feira popular não é somente um ponto de vendas, mas é ponto de encontro de diversos produtos que contam a história da região amazônica, onde o peixe tem todo um processo até chegar na mesa do consumidor, para que isso aconteça é preciso do pescador ou ribeirinho, é preciso logística para transporte a distância, e também respeitar as leis de defeso que impede a pesca em qualquer período (RODRIGUES, 2021).

MATERIAL E MÉTODOS

Objetivo Geral: Identificar a feira popular da Cidade Nova IV como território resistência e aprendizagem no Ensino Médio.

Objetivos Específicos:

1. Analisar a feira da Cidade Nova IV para identificar o território que ele trabalha;
2. Compreender a feira popular sobre o olhar do feirante, como território de resistência frente à grandes redes de supermercados;
3. Mostrar a importância da feira popular para o estudo no Ensino Médio.

Para o estudo será adotada será abordagem qualitativa referente a análise e coleta de dados bibliográficos e de pesquisa de campo, que será realizado através da visita a feira da Cidade Nova IV realizando entrevistas aos feirantes, para analisar, descrever e compreender o tema, e alcançar todos os objetivos (1,2,3).

A Universidade Federal do Pará – UFPA campus universitário de Ananindeua, faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à docência – PIBID, disponibilizado pela coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES que é vinculado ao Ministério da Educação. No programa fazem parte 72 bolsistas, 24 do curso de Geografia, 24 do curso de História e 24 de pedagogia do campus Belém.

As atividades inicialmente eram de caráter interdisciplinar e deram início em outubro de 2022 até março de 2024. As escolas contempladas são estaduais, de nível fundamental e médio, são elas: Luiz Nunes Direito, Zulima Vergolino Dias, Candido Horácio Evelin e a escola de socioeducação Professor Antônio Carlos Gomes da Costa, todas localizadas no município de Ananindeua.

O programa PIBID na UFPA, entre 2022 e 2024 foi coordenado pela professora Joelma Morbach, e os coordenadores do curso da Geografia no PIBID eram os professores Daniel Sombra, também orientador deste trabalho e a professora Luciana Freire, os demais cursos de história e pedagogia também possuem coordenadores setoriais, além de todas as escolas possuírem três supervisores, um para cada curso, que são os professores das escolas contempladas.

O professor Márcio Marques Marcondes de Carvalho era o supervisor dos bolsistas da Geografia na escola Luiz Nunes Direito. A escola hoje possui três professores da escola como supervisores, um para cada curso, inicialmente eram apenas um supervisor em cada escola, na ideia de um projeto interdisciplinar, já que havia poucos recursos na CAPES segundo o coordenador Daniel Sombra.

A escola Luiz Nunes Direito está localizada no conjunto Cidade Nova IV, rua WE 36, SN Cidade Nova IV, no município de Ananindeua. Segundo o Censo Escolar 2020, do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP, a escola possui em 2020

cerca de 1164 matriculados e possui 66 professores. Segundo a rede social da escola (@eeefmluiznunesdireito) a escola foi fundada em março de 1980.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

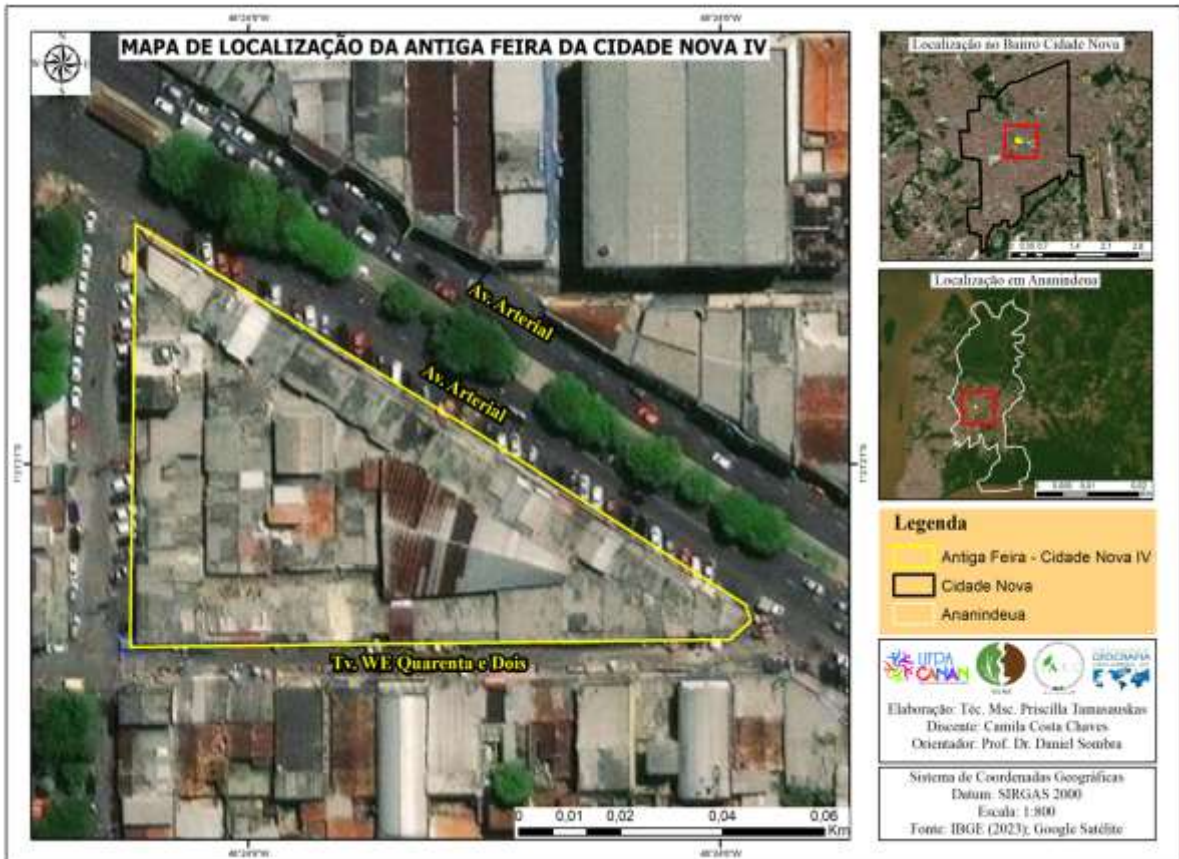
A FEIRA DA CIDADE NOVA IV: território e sujeitos

A feira velha ou ‘feira do quatro’, fica localizada nas áreas da Avenida Arterial 18, com as travessas WE-60 e WE-63. Essa feira com o passar do tempo expandiu seus limites, o que levou inúmeras barracas a se aglomerarem às margens da Arterial 18, “como consequência no local em questão, veículos e pedestres transitam no mesmo espaço, o leito da via, comprometendo a fluidez do tráfego motorizado e, sobretudo, arriscando a integridade física dos usuários da feira”. (Memorial, 2005).

Outro problema na ‘feira do quatro’, além da estrutura física e os riscos que os trabalhadores e fregueses enfrentavam em meio a veículos nas ruas, é a falta de local adequado para o armazenamento dos alimentos, o que poderia ocasionar um problema de saúde para o consumo, “A carne e o pescado, por exemplo, são vendidos de forma incompatível com os padrões estabelecidos pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária, a qual prevê, entre outras coisas, condições de higiene e conservação dos alimentos, que não se verificam no local”. (MEMORIAL, 2005).

O novo mercado ou feira da Cidade Nova IV, também conhecida como ‘feira do 4’ foi inaugurada em 2006 e tem uma área coberta de 3174m². A feira fica localizada na avenida Arterial 18 do município de Ananindeua, região metropolitana de Belém-PA, segundo publicação do site ArchDaily (2014) a escolha do local para a construção da nova feira se deu pela proximidade do local anterior, que ainda funciona como feira velha, e disponibilidade de espaço para ocupar todos os trabalhadores cadastrados. A feira também precisava sobreviver nesse novo local, já que ela é garantia de sobrevivência de muitos trabalhadores, e de grande importância para os comerciantes do seu entorno (ArchDaily, 2014).

Mapa 1. Localização da feira antiga da Cidade Nova IV



Fonte: Laboratório de Análise Ambiental e Representação Cartográfica – LARC (NUMA/UFPA), 2024.

O mapa acima mostra a área da feira antiga e do seu entorno destacado em linhas amarelas, o mercado fica bem no centro o que faz do entorno também parte da feira pois o mercado atrai um público e conseqüentemente lojas e trabalhadores que atuam no ramo de vendas dos mais diversos produtos além dos alimentos como roupas, acessórios e eletroeletrônicos. Apesar da nova feira próximo ao local parecer uma certa concorrência aos feirantes, o público acaba ganhando mais opção de compra e produtos e mais trabalhadores atuando nesse meio.

Mapa 2. Localização da feira nova da Cidade Nova IV.



Fonte: Laboratório de Análise Ambiental e Representação Cartográfica – LARC (NUMA/UFPA), 2024.

O mapa acima mostra um pouco da estrutura da nova feira, ela tem um formato de triângulo retângulo, parecido com o da antiga feira, só que com uma cobertura mais adequada, a feira também é cercada por lojistas e outros empreendimentos como academias e clínicas, além também de muitas residências.

Os dois mapas são importantes para compreender o processo de resistência na vida do feirante de uma feira para a outra e a aceitação dos mesmos nesse remanejamento. As duas feiras são a feira da cidade nova IV, porém localizadas em espaços diferentes, mas no mesmo bairro e consideradas feiras antiga e feira nova respectivamente.

Figura 1. Registros da feira nova do alto



Fonte: Registro de Octávio Cardoso e José Bassalo, site da ArchDaily (2014). Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/623364/feira-da-cidade-meia-dois-nove-arquitetura-e-consultoria>

A figura 1 tem apenas o objetivo de mostrar outros ângulos da feira e um pouco do seu entorno que é certado por lojas e residências que provavelmente também consomem os produtos da feira.

Figura 2. Registros da estrutura interna da feira nova.



Fonte: fotos de Octávio Cardoso e José Bassalo, site da ArchDaily (2014). Disponível: <https://www.archdaily.com.br/br/623364/feira-da-cidade-meia-dois-nove-arquitetura-e-consultoria>

A figura 2 também mostra a feira de mais perto, com sua estrutura interna com o grande movimento de clientes.

A feira da Cidade Nova IV tem grande importância urbana e de referência para o município, desse modo, a estrutura arquitetônica foi superior ao da feira velha, a prefeitura também ouviu os feirantes para ter algumas alternativas sobre o remanejamento, a publicação de ArchDaily (2014, p. 5): diz:

Foi definido, como local para nova feira, dois lotes lindeiros à avenida Arterial 18, distante cerca de 150 metros da antiga. O primeiro, de forma trapezoidal, com área de 3070,47m², conformado pelas vias Arterial 18, WE-59 e SN-23 e WE-58. Esse lote, de propriedade pública, abrigava uma delegacia de polícia, e, em sua área não construída, existiam poucas árvores de pequeno porte. Em uma de suas bordas existia um ponto de táxi, pertencente à Associação de Taxistas Y. Yamada, dotado uma baia com capacidade para 10 veículos. Os taxistas atendiam, fundamentalmente, a demanda de passageiros gerada pela loja Y. Yamada, segundo lote, separado do primeiro por um pequeno trecho de uma via pública, possuía forma triangular com área

de 124,52m² delimitada pelas vias Arterial 18, SN-23 e WE-58, e sobre a qual estava erigido um pequeno bar irregularmente estabelecido.

A área triangular da feira ficou ao final com área de 3444,27m², sua forma é de triângulo retângulo e possui seus boxes internos fechados, “posicionados nos catetos (paralelos às travessas SN-23 e WE-59), ficando a hipotenusa livre, totalmente aberta à avenida arterial 18” (ARCHDAILY, 2015, p.6).

Algo contraditório na publicação é que nos projetos da feira do Ver-o-Peso e da Cidade Nova IV é que elas são consideradas efêmeras, sendo essa a justificativa pela sua cobertura em termos de estruturas, que são lonas, que são usadas em locais temporários, que não são permanentes, porém o Ver-o-Peso existe a mais de 300 anos, seria então temporário? Outra justificativa segundo Flavio Ferreira, que justificou o projeto do mercado Ver-o-Peso, que ouve falta de recursos disponíveis para a construção e manutenção. Antes de tudo, é necessário ouvir os trabalhadores da feira, pois são eles que irão trabalhar no mercado todos os dias, então a estrutura precisa ser a mais resistente possível para que no futuro eles não fiquem prejudicados com paralisação por conta de muitas reformas por exemplo (ARCHDAILY, 2014).

A mudança da antiga ‘feira do quadro’ trouxe preocupação para alguns feirantes, pois a mudança de território mesmo que seja a poucos metros, trouxe uma mudança nos fregueses (TRINDADE; FIEL, 2019).

Na feira é possível encontrar uma economia do tipo economia mercantil simples (EMS) e economia mercantil capitalista (EMC), local que se encontra além de alimentos, como serviços de consertos de aparelhos domésticos. O papel do feirante é comercializar bens e serviços, com o objetivo de lucro, e sendo intermediadores entre quem fornece até o consumidor que vai até a feira (TRINDADE; FIEL, 2019).

O feirante tem autonomia de negociar com o cliente, uma negociação informal pode surgir entre o açougueiro, o peixeiro, o fruteiro entre outros. Ele também pode ser o dono, o empregado informal ou fazer parte da família do dono e ajudar nas horas vagas, pois em sua maioria não existe contratação formal, existe um acordo de pagamento aos trabalhadores envolvidos (TRINDADE; FIEL, 2019).

A feira além de espaço de diversidades também é local de pessoas com baixa escolaridade, onde famílias inteiras acabam trabalhando ali por falta de outras oportunidades, ou trabalhando em outros segmentos para complementar a renda. Na pesquisa de Trindade e Fiel sobre a feira em Ananindeua-PA mostra que os feirantes não acham vantajoso a migração do trabalho informal para o formal, por sentirem dificuldade nessa mudança, e na inserção de

trabalhadores com baixa escolaridade e idade, e acham que o mercado informal gera muito empregado para a região (TRINDADE; FIEL, 2019).

Na pesquisa de Trindade e Fiel (2019) sobre a feira da Cidade Nova IV, 90% dos 29 entrevistados que somam 10% do total de feirantes afirmaram serem os proprietários de suas barracas na feira nova, onde 87% deles já tinham pontos comerciais na feira velha ou ‘feira do quatro’. Além disso, 69% dos trabalhadores disseram que desenvolvem essa atividade a 10 anos, e os que estão a 5 anos somam 21%. Essa pesquisa demonstra a longevidade desses trabalhadores na feira da Cidade Nova IV (TRINDADE; FIEL, 2019).

O estudo ainda mostra que a satisfação em cerca de 97% dos feirantes, é isso se confirma na entrevista realizada para o documentário do PIBID no qual participo em parceria com a escola Luiz Nunes Direito. E mostra também que dos 55% que tinham empregos anteriores no mercado formal, apenas 10% gostariam de retornar para os empregos anteriores, isso confirma existem vantagens para esses trabalhadores em ser feirante da Cidade Nova IV (TRINDADE; FIEL, 2019).

Um fator desfavorável da feira é o modo um que muitos vão parar ali, pois como já dito além da baixa escolaridade e da pouca qualificação, muitos começaram a trabalhar na infância, a pesquisa também mostra que 28% desses trabalhadores iniciaram com 10 anos de idade, e entre 10 a 15 anos somam 52%. Isso mostra a utilização de mão de obra familiar e precarização social dessas famílias em suas infâncias e adolescências (TRINDADE; FIEL, 2019).

Sobre as origens, 41% deles são de Belém e 31% de regiões interioranas do estado e 28% de outros estados, a feira acaba sendo uma estratégia de sobrevivência para eles, e essa realidade ainda é muito presente atualmente, a migração de pessoas para os centros urbanos em busca de melhores condições de vida (TRINDADE; FIEL, 2019).

Além disso, “59% dos feirantes se declararam como chefes ou mantenedores da família, e 69% do total afirma unir as rendas com outros membros familiares”, isso reforça que em muitos casos a renda da feira não é suficiente para manter uma família. A presença feminina chega a 48% o que fortalece o discurso que essa atividade é uma relação não contratual e de relações familiares, Trindade e Fiel (2019, p. 16) dizem:

A pesquisa constatou que 55% dos feirantes responderam que recebem ajuda de seus familiares (filhos, conjugue, pai, mãe etc) e 11% disseram que trabalham com outra pessoa não familiar (particular em geral) através de acordos informais estabelecido entre partes.

E em relação a escolaridade, 45% possuem o Ensino Médio completo, 10% com formação superior e 24% apenas com o fundamental (TRINDADE; FIEL, 2019).

A APLICAÇÃO DO ESTUDO DA FEIRA DA CIDADE NOVA IV NO ENSINO MÉDIO DA E. E. E. F. M. LUIZ NUNES DIREITO

Como já mencionado a escola Luiz Nunes Direito está localizada no conjunto Cidade Nova IV, rua WE 36, SN Cidade Nova IV, no município de Ananindeua. Este mapa serve pra identificar um dos locais importantes nesse trabalho, pois fica próximo a feira da cidade nova IV, um dos motivos que também facilita a visita a feira e estudo da mesma pelos alunos, professores e bolsistas.

Mapa 3. Localização da E. E. E. F. M. Luiz Nunes Direito.

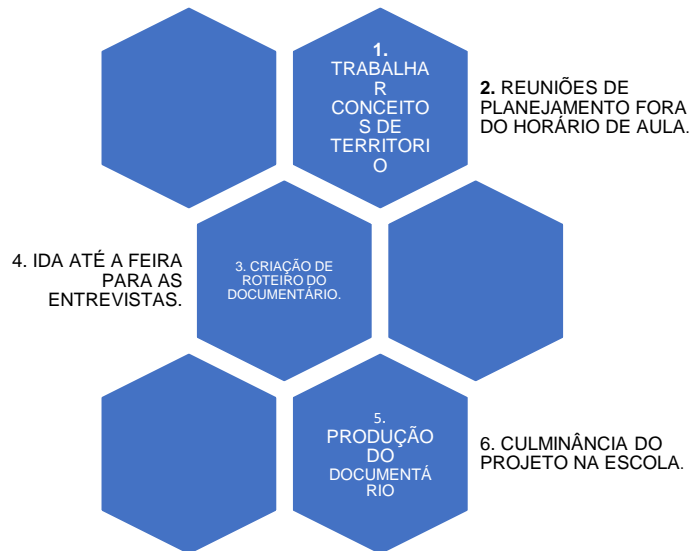


Fonte: Laboratório de Análise Ambiental e Representação Cartográfica – LARC (NUMA/UFPA), 2024.

A aplicação do projeto surge a partir do projeto (PI) que está vinculado aos itinerários formativos do novo Ensino Médio tem que ser realizado com passo a passo até sua avaliação, cada professor e escola articula de uma forma diferente e de acordo com a realidade de cada

aluno, na escola Luiz Nunes Direito, o professor articulou com bolsistas e alunos da seguinte forma sequencial como mostra o esquema abaixo:

Quadro 1. Organização do Projeto Integrador na escola.



Fonte: Elaboração própria, 2024.

Através do documentário e estudo da feira é possível ver na Base Nacional Comum Curricular – BNCC, nas competências 1 e 2, pelo menos 5 habilidades do ensino médio, como mostram as tabelas abaixo.

Quadro 2. Habilidade 104 da competência 1 da BNCC.

EM13CHS104
Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

Fonte: Brasil, 2017.

E sobre a competência 1 a BNCC ainda diz:

(...) compreender e utilizar determinados procedimentos metodológicos para discutir criticamente as circunstâncias históricas favoráveis à emergência das matrizes conceituais dicotômicas (...)

contextualizando-as de modo a identificar seu caráter redutor da complexidade efetiva da realidade; a operacionalizar conceitos como etnicidade, temporalidade, memória, identidade, sociedade, territorialidade, espacialidade etc. e diferente linguagens e narrativas que expressem culturas, conhecimentos, crenças, valores e práticas. (BRASIL, 2017 p. 571).

A feira possui muitos vestígios da cultura regional, é o lugar perfeito para encontrar expressões culturais como danças, músicas e a culinária, o carimbó que é patrimônio cultural imaterial do Brasil desde 2014, segundo o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e que é sempre presente na recepção de turistas no mercado do Ver-o-Peso por sempre.

Quadro 3. Habilidades 203, 204, 205 e 206 da competência 2.

EM13CHS203	Comparar os significados de território, fronteiras e vazio (espacial, temporal e cultural) em diferentes sociedades, contextualizando e relativizando visões dualistas.
EM13CHS204	Compara e avaliar os processos e ocupação do espaço e a formação de territórios, territorialidades e fronteiras, identificando o papel de diferentes agentes (...) e considerando os conflitos populacionais (internos e externos), a diversidade étnico-cultural e as características socioeconômicas, políticas e tecnológicas.
EM13CHS205	Analisar a produção de diferentes territorialidades em suas dimensões culturais, econômicas, ambientais, políticas e sociais, no Brasil e no mundo contemporâneo, com destaque para as culturas juvenis.
EM13CHS206	Analisar a ocupação humana e a produção do espaço em diferentes tempos, aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, arranjos, casualidade, entre outros que contribuem para o raciocínio geográfico.

Fonte: Brasil, 2017, Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

E na competência 2 diz também:

Nessa competência específica, pretende-se comparar e avaliar a ocupação do espaço e a delimitação de fronteiras, como também o papel dos agentes responsáveis por essas transformações. Os atores sociais

(na cidade, no campo, nas zonas limítrofes, em uma região, em um estado ou mesmo nas relações entre estados) são produtores de diferentes territorialidades nas quais se desenvolvem diferentes formas de negociação e conflito, igualdade e desigualdade, inclusão e exclusão. Dada a complexidade das relações de poder que determinam as territorialidades, dos fluxos populacionais e da circulação de mercadorias, é prioritário considerar o raciocínio geográfico e estratégico, bem como o significado da história, da economia e da política na produção do espaço. (BRASIL, 2017, p. 573).

Na habilidade EM13CHS203, uma das discussões propostas é comparar os significados de território, no caso da feira, é levar o aluno a pensar o conflito que a feira da cidade nova quatro pode estar enfrentando desde o surgimento da feira velha ou 'feira do quatro' com a disputa de espaço ou concorrência com redes de supermercado, e alimentos industrializados, a luta desses feirantes por um local de trabalho de qualidade e para os frequentadores.

As habilidades EM13CHS204, EM13CHS205 e EM13CHS206 além também de tratar da ocupação de territórios, também pede para identificar esses agentes, no caso dos feirantes da Cidade Nova IV como maioria estando em situação de trabalho informal e como mão de obra predominantemente familiar, onde até três gerações chegam a trabalhar na feira, como foi possível verificar no trabalho de Trindade e Fiel (2019) e na entrevista para o documentário.

As habilidades pressupõem também em “aplicando os princípios de localização, distribuição, ordem, extensão, conexão, casualidade, entre outros”, entender a dinâmica dessa ocupação no entorno da Arterial 18 como consequência da atual situação de trabalho informal na Região Norte com 52,8% superior a todas as outras regiões, com destaque no Pará com 57,1% com maior percentual dos estados da Região Norte, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2023).

As entrevistas foram realizadas sábado do dia 19 de agosto de 2023, e realizada pelos bolsistas PIBID do curso de licenciatura em Geografia da UFPA campus de Ananindeua, o supervisor e professor Marcondes Carvalho, a aluna da turma 103 da Escola Luiz Nunes Direito e a participação externa do professor de história Dhyego Alessandro que foi responsável pelas gravações das entrevistas para o documentário. As entrevistas tiveram um estilo livre de perguntas específicas para cada tipo de produto vendido, para tornar a entrevista confortável para os entrevistados, visando não atrapalhar suas atividades na feira, a única pergunta fixa foi sobre tempo exercido naquela atividade pelo feirante. Neste trabalho os feirantes estão identificados por numeração.

Realizei a entrevista com o Feirante 1 de 18 anos (figura 4), que é estudante do terceiro ano na Escola Luiz Nunes Direito e trabalha com seu pai (figura 5) a cerca de 2 anos, ajudando

desde os 16 anos, ele relatou que aprendeu a triturar a macaxeira ou mandioca e a fazer o tucupi. Seu pai trabalha na feira cerca de 20 anos, em seu relato diz que compra a maniva pré-cozida ou crua no município de Bujaru-PA para abastecer seu ponto de vendas, e que o tucupi e a maniva são os principais produtos de venda para o preparo de pratos regionais como o Tacacá, o pato no tucupi e a maniçoba nos restaurantes da região metropolitana.

Figura 4. Entrevista com o estudante da escola Luiz Nunes Direito e feirante.



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 5. Entrevista com o pai de Samuel



Fonte: Acervo da Autora (2023).

Figura 6. Um dos Momento de preparo do tucuri.



Fonte: acervo da autora (2023).

O feirante 2, o qual foi entrevistado pela aluna da turma 103, possui sua loja de moveis e objeto de madeira na feira, e diz que a feira surgiu por volta de 1980 e que em 1982 ele comprou seu box e que também mora em Ananindeua desde 1978, ele se denomina como um dos feirantes mais antigos.

Em um dos pontos de farinha, um dos vendedores, o feirante 3, diz que seu produto vem de municípios paraenses como Bragança, Santa Izabel, Ourem e outros municípios. Questionado o motivo pelo qual a feira é uma das principais opções de compra ele disse que a feira tem o diferencial de fornecer o produto fresco e com maiores variedades, além de dar ao cliente a oportunidade de negociar o preço do produto, fazendo com que o cliente leve mais por um preço menor.

Figura 7. Vendedor de farinha da feira velha.



Fonte: acervo da autora (2023)

O feirante 4 é um dos peixeiros da feira nova, diz que trabalha na feira da Cidade Nova IV desde 2004, e que veio transferido da feira velha. A feira nova sem dúvidas proporciona um conforto e maior qualidade de armazenamento para os produtos, que é o caso do pescado.

Figura 8. Vendedor de peixe da feira nova.



Fonte: acervo da autora (2023).

Algumas entrevistas não foram para o documentário pois foram muitas, além de muitas imagens e a narração na voz do professor Marcondes, que tiveram como duração cerca de 17 minutos, porém é importante descrever neste presente trabalho algumas das entrevistas gravadas que não foram para o documentário.

O feirante 5 é um vendedor de sopa e café da manhã, e teve sua história desde a feira velha, ele relata que houve um certo transtorno na transferência decorrente da falta de organização e distribuição dos boxes, e segundo informado, muitos feirantes da feira velha venderam os pontos novos da nova, o que levou isso a ser levado para as competências judiciais. Ele diz estar a 17 anos na feira passando por vários governos que realizaram melhorias e outros não. Ele também diz que trabalha desde os 8 anos de idade, que reforça a discussão sobre trabalho infantil, trabalho familiar nas feiras e trabalho informal e a exclusão social que afeta muitas famílias que se aglomeram nas feiras segundo Trindade e Fiel (2019). Ele também através do seu trabalho na feira se formou em história e sua esposa em pedagogia, ele conseguiu comprar casa e carro, o que também mostra uma ascensão social através do trabalho informal. Em sua fala é dito que na feira “ganha-se pouco, mas diverte-se muito”, ele chega para trabalhar 2h da manhã e sai as 14h da tarde.

Na feira foi possível ver através do feirante 1 e seu pai, como é feito o tucupi, assim como cada barraca e banca realiza o preparo do cororal, tempero que é utilizado para dar coloração aos alimentos entre outros tipos de remédios medicinais e até mesmo o preparo do açaí batido na hora, o que não é comum em outras regiões do País. Santos (2021, p. 3) ressalta:

A feira livre possui uma diversidade de significados durante seu processo de existência e resistência, que agrega todos às práticas e fazeres diários, nos encontros rápidos e nas conversas alongadas que percorrem o espaço. Vale ressaltar que cada feira possui características específicas de sua região, porém seus aspectos culturais podem ser encontrados em qualquer uma delas.

O DOCUMENTÁRIO COMO PRODUTO DE APRENDIZAGEM E MATERIAL DIDÁTICO

O principal objetivo do documentário era mostrar a diversidade os aprendizados vindos da feira, em especial da feira da Cidade Nova IV, que fica próxima a escola Luiz Nunes Direito, e mostrar os pontos positivos, mesmo apresentando todas as dificuldades que os feirantes enfrentam, é o local onde famílias inteiras se sustentam. Nesse documentário foi deixado de lado o debate para o trabalho informal e demais pontos negativos insalubres, para apenas mostrar a beleza dos produtos locais e regionais que estão cada vez mais substituídos por produtos cheios de conservantes e gorduras prejudiciais à saúde. A feira é cheia de características como afirma Santos (2021, p. 6):

As feiras adotam características da identidade cultural de cada local onde são instalados, uma vez que sofrem a influência do seu processo histórico, do perfil dos feirantes e dos fregueses, do vocabulário usado entre eles, a “velha” possibilidade do “pechinche” e a sociabilidade que inevitavelmente domina todo o espaço. O próprio clima da feira possui importância social e cultural. O simples fato de caminhar pela rua desviando de pessoas, carrinhos, cachorros e restos de vegetais, em meio a gritos, ofertas e sacolas pesadas faz parte de uma tradição que resistiu ao tempo e a evolução social.

O documentário tem grande potencial em mostrar a feira como território de resistência em meio a grandes empresas de supermercados atacadistas e varejistas, a feira também é local de consumo de alimentos e refeições com muitas iguarias típicas que podem ser consumidas na própria feira, como caldos, açaí acompanhado com uma proteína e salgados regionais.

A feira é local de conversas e diversão como mencionou o feirante 5, de gente aglomerada e de gente trabalhadora, que se concentra desde a madrugada para que os

frequentadores possam comprar seus alimentos, suas ervas, seus temperos e diversos artesanatos.

A feira é vista de diferentes maneiras, a autora Caroline Santos (2021) percebeu que os turistas sentem-se atraídos pelas feiras de onde visitam, veem como ponto turístico, e para ela como pessoa que cresceu frequentando com seus pais a feira de Santo Amaro na Bahia, percebia que esse olhar não era o mesmo para os moradores da cidade, enxergavam a feira com um olhar negativo, com pessoas marginalizadas, e ela acrescenta, “Não foram poucas às vezes em que sofria tentativas de inferiorização por morar em um espaço próximo a feira” (SANTOS, 2021, p. 2).

Esse olhar especial que a autora Caroline e outros autores tem da feira pode também ser visto pelos alunos, onde eles mesmos podem fazer parte de território de muitas resistências, como filhos, pais, primos desses feirantes, o documentário mostra o lado bom, o relato significativo da feira como de grande importância cultural, econômica e social para o seu entorno e até mesmo para todo o município. Através da visita é visto que a feira da Cidade Nova IV é local de diversidades alimentares e culturais do Estado. A autora em sua reflexão diz:

(...) A resistência negra se torna uma representação nítida nesse espaço, a presença de homens e mulheres que sobrevivem, suas próprias presenças e práticas cotidianas revelam o quanto o seu povo resistiu, em meio a tantas e tantas mudanças políticas, sociais, econômicas, estruturais e tecnologias, a feira resistiu (SANTOS, 2021, p. 8).

A partir da produção do documentário foi realizado a culminância do projeto para toda escola em outubro de 2023, para todas as turmas do primeiro ano e para a direção da escola e professores (figura 9), o documentário foi dividido em três etapas, foram feitas várias reflexões durante o documentário como:

A feira: que fala um pouco da importância e do cotidiano da feira;

Um local de resistência: mostra a feira como principal opção do freguês e ela sendo um local de produtos variados e mais saudáveis, que competem com produtos industrializados conhecidos globalmente que estão presentes em supermercados, e como esses novos hábitos alimentares competem com produtos regionais;

A feira como patrimônio territorial: reflete sobre os elementos culturais existentes na feira, como os alimentos, a forma de comer, de falar usando gírias regionais, entre outras.

Figura 9. Culminância do documentário na Escola Luiz Nunes Direito



Fonte: acervo da autora (2023)

O documentário elaborado a partir da disciplina PI também pode ser realizado por demais disciplinas das ciências humanas e sociais aplicadas, e também não se restringir apenas ao nível médio, podendo também ser aplicado no fundamental e levando o aluno a refletir e desde anos anteriores a se interessar por pesquisa. Sem dúvidas esse trabalho é foi um grande diferencial para os participantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho apresentou de forma objetiva pontos que na educação se faz presente, como o novo modelo de ensino médio, o estudo da feira como ferramenta de inúmeros aprendizados afim de tentar trabalhar esse modelo de ensino médio, a realidade da feira mais em sua beleza e lados positivos do que como um espaço de exclusão e precariedades, porém sem também deixar esse lado excluídos. É importante mostrar no ambiente formal de ensino o que está ao seu redor, os benefícios da feira da Cidade Nova IV para o bairro e para os trabalhadores, o espaço que tanto contribui para a permanência de nossa cultura através de alimentos e objetos vendidos.

É necessário ampliar o conhecimento dos alunos sobre o espaços e territórios como o da feira da Cidade Nova IV que é local de resistência e história com o avanço de redes de

supermercados e da urbanização o que de fato trouxe melhorias para seu entorno e na busca de melhores condições de trabalho mesmo que quase todo informal na venda de frutas, peixe, camarão, tucupi, carangueijo e outros produtos que fazem parte da culinária paraense e que são vendidos de forma fresca e por preços negociáveis entre o vendedor e o cliente.

O trabalho também se preocupou em mostrar a união da escola estadual com a universidade, como isso agrega na formação dos graduandos e dos alunos do ensino básico, pois mostra que o trabalho e a pesquisa em conjunto trazem bons resultados que nesse caso foi o documentário.

Para minha formação acadêmica e pessoal a experiência como bolsista acrescentou inúmeras formas de pensar o estudo da feira, pois ela pode ser utilizada como instrumento de estudo em sala de aula não só para a geografia, mais também nesse novo modelo de ensino médio com a disciplina projeto integrador como foi relatado. Ter os horizontes ampliados e ter na prática a experiência para além da teoria é sem dúvidas essencial na formação de um futuro professor.

REFERÊNCIAS

ARCHDAILY; Feira da Cidade Nova/ meia dois nove Arquitetura e consultoria. 2014. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/623364/feira-da-cidade-meia-dois-nove-arquitetura-e-consultoria>. Acesso em: 03. Jun. 2024.

BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional comum curricular Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 03. Jun. 2024.

CAMPIGOTTO, L. A.; BERNADINO; V. M. P. A agricultura familiar presente na feira: uma possibilidade de estudo do meio em Nova Cantú, PB. In: PARANÁ. **Cadernos PDE**: os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor PDE. Curitiba: Secretaria Estadual de Educação do Paraná, 2013, p. 2-15.

FARIAS, P. S. C. A reforma que deforma: o novo Ensino Médio e a Geografia. **Pensar Geografia**, Natal (RN), v. 1, n. 2, p. 129-149, 2017.

FEIRA DA CIDADE: memorial descritivo. Ananindeua: 2005. Disponível em: http://www.meiadosnove.com.br/memorial_feiradacidade.pdf. Acesso em: 03. Jun. 2024.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do ‘fim dos territórios’ à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

MADEIRA, A. C. M. Projeto integrador: reflexões sobre uma experiência interdisciplinar em construção. **Cairu em Revista**, Salvador (BA), v. 8, n. 12, p. 82-100, 2019.

PARÁ. SECRETARIA DE ESTADO DE EDUCAÇÃO DO PARÁ. Caderno de Projetos Integrados de Ensino e Campos de Saberes e Práticas Eletivos da Área de Ciências da Natureza

e suas Tecnologias – Etapa Ensino Médio: Orientação para as escolas da Rede Estadual de Ensino Médio do Estado Do Pará (2022). Belém: SEDUC-PA, 2022.

RODRIGUES, M. C. C.; CALDAS, M. S. Apontamentos teóricos para a compreensão da transterritorialidade em uma feira Amazônica ribeirinha: o caso da Feira Livre de Cametá (PA). In: Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia, XIV. **Anais...** Campina Grande (PB): Editora Realize, 2021. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/78366>. Acesso em: 03. Jun. 2024.

SANTOS, C. V. B. **Saberes, fazeres e aprendizagens na feira livre de Santo Amaro – BA.** Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia), Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Agrobrasileira, Malês (BA), 2021.

SANTOS, E.; RODRIGUES, P.; BARBIÉRI, L. F. **Câmara aprova o novo Ensino Médio após acordo sobre carga horária de matérias obrigatórias.** Brasília: Portal G1, 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/google/amp/politica/noticia/2024/03/20/camara-aprova-novo-ensino-medio-apos-acordo-sobre-carga-horaria-de-materias-obrigatorias.ghtml>. Acesso em: 03. Jun. 2024.

SOUZA, C. R. As feiras livres como lugares de produção cotidiana de saberes do trabalho e educação popular nas cidades: alguns horizontes teóricos e analíticos no campo trabalho-educação. **Trabalho Necessário**, Niterói (RJ), v. 13, n. 22, p. 126-144, 2015.

SOUZA, Marcelo Jose Lopes. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. Geografia: conceitos e temas. 2º ed. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2000.

TRINDADE, J. R. B.; FIEL, E U. Emprego, renda e informalidade: um estudo da feira da cidade em Ananindeua (PA). **Revista de Economia Regional, Urbana e do Trabalho**, Natal (RN), v. 8, n. 1, p. 108-130, 2019.